

A fatura
Por Juliana Fernandes Gontijo

- Que compra foi essa, Patrícia?
- O quê?
- A do seu cartão de crédito.
- Eu não fiz compra alguma.
- A fatura chegou por correio.
- Não fui eu, mãe.
- Como não?
- Há muitos dias, não uso meu cartão.
- A fatura está aqui!
- Então foi quanto?
- Quarenta e cinco mil reais.
- Como é que é? Leu isso direito? — Grita a filha de dentro do banheiro.
- Claro, né? É só falar que eu pago!
- Agora, o dinheiro está chovendo em casa e nem estou sabendo?
- Eu pego o dinheiro da herança do seu avô... Ou então, você vai ter que entrar em contato com o cartão!
- Isso é de outra pessoa, mãe!
- Paty, saia logo desse banho!
- Não confia em mim, né?
- Confio, mas...
- Mas o quê? Foi dar corda de novo para o reitor da Faculdade?
- Eu precisava esclarecer os fatos!
- Mãe, contra provas, não há argumentos!
- Patrícia Cunha, saia já desse banho. Precisamos conversar.
- Não dá. Depois!

A essa “altura do campeonato”, Auxiliadora já havia perdido completamente a paciência. Porém, respira fundo, espera mais meia hora e começa a esmurrar a porta do banheiro.

- Saia logo, filha! Ou vou ter que arrombar!
- Ok, vou abrir a porta.
- Era só esta que me faltava!
- É porque eu pintei os cabelos de branco com mexas verdes e roxas?
- Você tem noção do que é isso, Patrícia? Vai ser uma advogada!
- É só por um tempo! Cadê a fatura?
- Olha isso!
- Tem alguma coisa errada, mãe. — Paty examina cuidadosamente os dados da fatura.
- Fala a verdade, filha! Sempre te perguntei sobre aquele problema da faculdade.
- Até hoje a história da faculdade? Não fui eu. O rombo não foi na minha gestão da comissão de formatura. Acha que eu iria roubar 700 mil reais e ficar na mesma de sempre, nessa miséria toda? Mas ninguém acredita! A Mariane era a responsável na época!
- Tudo indica que foi você, Paty.
- Não fui eu, mãe. A minha consciência está limpa. Por que ninguém acredita em mim?
- Todas as provas estão contra você!
- Eu já dei o meu depoimento, a polícia revistou a minha vida toda e não encontrou nada, você sabe disso.
- Desculpa, filha... Mas você já teve outros problemas com dinheiro.
- Então sou gastadeira? A senhora também não fica atrás, né?
- Olha a grosseria, Patrícia!

- Deixa eu ver esta fatura!
- São 45 mil reais! O que você fez, Paty? Isso é droga? Vamos conversar, filha!
- Mãe! NADA! O cartão está dentro da gaveta da minha mesa no quarto! Vai lá ver!
- Tem certeza?

Elas foram até o quarto. Patrícia abriu a gaveta, mas o cartão não estava lá.

— Como assim, mãe? Eu não estou ficando doida. Eu coloquei esse cartão aqui. A última compra foi de 350 reais, no supermercado, mês passado, lembra?

- Fala a verdade, filha!
- Mãe, por que você não acredita em mim?
- É só você que usa o cartão.

— Alguém entrou aqui em casa! Só pode ter sido no Carnaval. Sim, o cara do conserto do chuveiro! Patrícia ligou para o banco. Após quase uma hora de espera e transferência para vários setores, a estudante de direito recebeu a seguinte resposta:

— Senhora, realmente houve uma compra em uma funerária da cidade de Campinas no seu cartão. Consta, em nosso sistema, que a senhora autorizou a compra.

— Eu não ouvi direito. Compra em funerária? — Diz a estudante, soltando uma gargalhada nervosa. — Está maluco, cara? Eu moro em Teresina, no Piauí. E ninguém morreu na minha casa. Deus me livre!

— Compreendo, senhora, mas a compra foi em Campinas.

Ela pede o contato da funerária para saber o que está acontecendo:

- Funerária “Vai com Deus”, boa tarde.
- Quero falar no financeiro.
- Financeiro. Em que posso ajudar?
- Meu nome é Patrícia Cunha. Por favor, pode verificar uma compra de 45 mil reais em 3 de fevereiro no cartão de número final 5432?
- Um momento, por favor.

Patrícia colocou o telefone em viva-voz. Alguns segundos depois:

- Consta em nosso sistema, senhora, uma compra de uma urna de luxo no valor de 45 mil em favor da falecida Patrícia Cunha, vítima de traumatismo craniano, por queda de telhado.
- Oi? O que você está me dizendo? Eu sou a Patrícia Cunha! — Diz a estudante aos gritos.
- Há um engano, senhora. Velório e sepultamento foram realizados no dia 4 de fevereiro. E, por uma falha em nosso sistema, obtivemos uma foto da mulher após a queda. Estatura mediana, tatuagem de flor vermelha na omoplata esquerda, cabelos curtos tingidos de branco com mexas verdes e roxas e...
- Essa sou eu! — Auxiliadora, ao escutar a resposta, quase desmaia de susto.
- Como? Estou com a foto da moça na tela do computador, senhora. Data de nascimento 18/08/2001. Nome da mãe: Auxiliadora Silva Cunha.

— Essa é minha mãe! Você não está me entendendo! Patrícia Cunha sou eu. A compra está no meu cartão, mas eu não comprei nada aí. Eu moro no Piauí. O telhado não caiu em cima de mim. Portanto, eu não estou morta! Entendeu?!

— Sinto muito, senhora. Não temos como reverter a venda, o produto já foi entregue. Pode conferir um dado no seu cartão, por gentileza?

- É, que... Eu não estou com ele... Acho que fui roubada e... Só hoje, com essa confusão toda, eu percebi.
- Lamento. A senhora tem cinco dias para efetuar o pagamento da fatura ou seu nome vai para o SPC e a polícia está chegando aí em sua casa agora. Consta em nosso sistema, que já vai tocar a campainha.
- Mas me você me disse que estou morta. Então eu não preciso atender e...

Neste momento, Patrícia escuta um barulho ensurdecedor e a ligação cai. Ela dá um pulo da cama e se assusta com sua mãe trazendo-lhe, numa bandeja, um delicioso café da manhã:

- Mãe! Bom dia! Dá um abraço! — Diz a estudante assustada, após um longo suspiro.
 - O que foi, Paty? Levante logo, pois vai se atrasar para a prova da OAB. Você vai passar, estudou tanto!
 - Ainda bem que acordei, mãe. Não vai acreditar no pesadelo que eu tive! Você não vai acreditar!
-